

Officina de composição e impressão de MANUEL HOMEM DE G. CHRISTO R. DE S. MARTINHO Aveiro

POVO DE AVEIRO

PROPRIETARIO E DIRECTOR Manuel Homem de G. Christo Redacção e administração R. de S. Martinho, AVEIRO

SEMANARIO REPUBLICANO

<p>Numero 435</p>	<p>Assignaturas AVEIRO—Um anno, 15200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 15300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 25500. Semestre, 15500 réis (fortes). PAGAMENTO ADIANTADO</p>	<p>PUBLICA-SE AOS DOMINGOS</p>	<p>Publicações No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato. Os arts. assignantes teem desconto de 30 por cento. NUMERO AVULSO, 30 REIS</p>	<p>8.º ANNO</p>
-------------------	---	---------------------------------------	--	-----------------

ESTAVA PREVISTO!

Estava previsto por nós em 20 de maio de 1906, quando aqui escreviamos:

«Se o rei for habil, e João Franco também, os primeiros passos do ministerio serão em sentido liberal. Mas só os primeiros passos, notem. E' indispensavel acalmar os animos. E' forçoso ganhar tempo.

Isto é o que vae acontecer. Não acontecerá. Mas nós é que não podemos partir da hypothese de que o rei perdeu o juizo e de que João Franco é positivamente uma cavalgada. Se nos perguntassem se a monarchia não teria forças para conter pela violencia, n'este instante, os republicanos, responderiamos que sim. Mas quando supozesse a situação resolvida surgiria ella mais grave e mais complicada do que nunca. Mas, em qualquer caso, uma violencia extrema n'este instante, alem de perigosa, seria injustificada, e, portanto, profundamente impolitica.

Não. Contemos com um compasso d'espera na politica repressiva. Depois, sim. Não tardará. Deixem liquidar a questão dos tabacos. Deixem adormecer os republicanos. O poder conhece o grau de desleixo que caracteriza os chefes republicanos em Portugal, que são de muita parra e pouca uva. E quando tiver arrumado as questões gravemente perturbadoras que n'este instante o embaraçam, terá chegado o momento de cahir a fundo sobre os republicanos, apanhados de surpresa, e desorganizados como sempre.»

Estava previsto por nós em 10 de junho de 1906, quando, em resposta á *Lucta*, que, a proposito da questão Schreter, declarava que o governo não ousaria dissolver o parlamento, porque então teria chegado o momento das resoluções firmes, das decisões extremas, dos lances audaciosos, porque então o partido republicano viria para a rua não já para reclamar o stricto cumprimento da lei, mas para deitar por terra o velho e arruinado edificio da legalidade monarchica e constitucional, estava previsto por nós em 10 de junho de 1906, quando, em resposta á *Lucta*, aqui escreviamos:

«Portanto, o caso está posto em termos que não admittem duvida. Ou o governo se submete ou se demitte, ou o partido republicano vae para a rua fazer a revolução. E não a supormos que o partido republicano haveria sahido já da sua meninice! Que pateta, que nós somos!

Póde ser que o governo se submeta. Póde ser que o governo se demitta. E bem vae, se for assim. Não sendo isso, porém, o mais provavel, como não é, em que situação ficamos? E' claro que não vamos para a rua. Esse ponto nem se discute. Não se vae para a rua com cinco dedos em cada mão. Mas, se não formos, mais uma vez, depois do ponto a que se levou a questão, depois de tudo quanto se tem dicto e escripto, fazemos figura de meninos, e, por consequente, mais uma vez perdemos prestigio, mais uma vez perdemos força, fazendo rir o paiz.»

Estava previsto por nós em 25 de novembro de 1906, quando aqui escreviamos:

«Avisámos os dirigentes republicanos em 20 de maio, em 27 de maio, em 3 de junho, e elles, nem só desprezaram os nossos avisos, como ficaram ainda a dizer mal de nós.

Nós bem lhes diziamos que os primeiros passos do ministerio seriam em sentido liberal. Mas só os primeiros passos. Nós bem lhes diziamos que logo que estivesse resolvida a questão dos tabacos, o governo e o rei, contando com a imprevidencia, com o infantilismo, com o grau de desleixo que caracteriza os chefes da democracia em Portugal, aproveitariam a primeira occasião para cahir a fundo sobre os republicanos, apanhados de surpresa e desorganizados como sempre. Nós bem lh'o diziamos. Mas que querem? Nós somos um asno e um exaltado. Os homens de juizo e prudentes, são elles.

A politica republicana deveria ter consistido toda em aproveitar a desorganização monarchica para tratar da organização republicana. Não deveria ser uma politica de parola mas uma politica de factos. Uma politica de idealismos, mas uma politica de projectos, de planos realisaveis. E na execução d'esses projectos deviam os republicanos pôr toda a sua intelligencia, todo o seu esforço, toda a sua vontade.

Em vez d'isso deliraram, como sempre. Não trabalharam conscientemente pela revolução. Limitaram-se a prégar a revolução, fiando a revolução do acaso. Como sempre. Esta é que é a triste verdade. Como sempre.....

O raciocinio do rei era facil de perceber. Seria possivel a politica liberal de João Franco, a que elle apregoava, a que elle promettia executar? Bem sabia o rei que o não era. Com esse senso pratico que incontestavelmente possui, o rei, conhecendo a anarchia do seu paiz, a indisciplina geral dos espiritos, a falta de educação dos dirigentes, que ainda é maior e mais grave que a falta de educação das multidões, e o temperamento de João Franco, não deveria ter illusões a tal respeito. Das duas uma: ou João Franco se mantinha no seu proposito liberal, a travez de tudo, e succumbia a essa anarchia, a essa indisciplina, a essa falta de educação, incompativeis com todos os propositos sãos de liberdade e de moralidade, ou apparecia de repente o fundo dictador de João Franco, fundo contra o qual elle parece lutar com certa sinceridade, mas que difficilmente será capaz de vencer, e João Franco reclamava a dictadura. Em qualquer caso se tinha mallogrado a experiencia, a tentativa liberal, e João Franco era, com o franquismo, um homem liquidado.

Bem sabia o rei que não era possivel a politica liberal, a decantada politica liberal de João Franco. Mas era? Paciencia. Perderia com isso a monarchia, mas não perdia menos com o regimen perigoso das dictaduras permanentes.

Mas não era, não. O rei bem sabia que o não era. Teria, pois, tudo a ganhar e nada a perder com a experiencia. Concertava a machina, que a

acção dos acontecimentos e a demasiada confiança que pozera na fraqueza dos adversarios e na propria força haviam estragado, e levava a desillusão a muitos que tendo tantos interesses ligados á monarchia ingenuamente acreditavam que era possível a liberdade n'esta terra. «Vêem, diria, que não é possível? Eu bem quiz! Eu bem tentei! E' impossivel!» E não faltaria gente illudida a clamar, desillusida: «Na verdade é impossivel!»

Estava previsto por nós em 9 de dezembro de 1906, quando aqui escreviamos:

«A nossa convicção inabalavel é que é possivel, e bem possivel, regressar ao regimen da força. A nossa convicção inabalavel é que o partido republicano vae levar bordoadas de cahir sem ter meio de resistir. A nossa convicção inabalavel é que o desprestigio que resulta d'ahi para a causa democratica, depois das coisas terem sido levadas ao grau a que chegaram, é enorme.»

Estava previsto por nós em 16 de dezembro de 1906, quando aqui escreviamos:

«Nós bem diziamos aos republicanos que só os primeiros passos do ministerio seriam em sentido liberal. Só os primeiros passos. Diziamos-lo a tempo e a horas. Diziamos-lo logo que foi ao poder o gabinete actual. No dia seguinte áquelle em que se constituiu o ministerio. E diziamos-lo para que se acautelassem, para que seguissem uma politica habil. Para que fossem energeticos sem deixarem de ser atilados. Para que os primeiros passos do ministerio em sentido liberal não fossem para elle um simples compasso de espera, mas tambem para os republicanos. Para que o governo os não aproveitasse exclusivamente na obra da preparação da defesa monarchica, mas para que os aproveitassem tambem os republicanos na obra da preparação da defesa republicana. Se esta obra estava toda por fazer, o mais elemental raciocinio, o mais rudimentar principio de bom senso aconselhava os republicanos a que aproveitassem, a correr, as tréguas que as circunstancias lhes proporcionavam, e, como Roma e Pavia não se fizeram n'um dia, a que empregassem os mais habéis esforços, não em as encurtar, como fizeram, mas em as prolongar.»

Estava previsto por nós em 19 de maio de 1907, quando aqui escreviamos:

«Ainda ninguem falava em dictadura e já nós a davamos como certa. Era fatal. Assim o diziamos.

Está radiante Bernardino Machado, Affonso Costa e quejandos? Devem estar. Mas porque exultam? Porque vae, enfim, surgir a revolução? Porque vae, enfim, cahir a monarchia? Pobres patetas! Nem sequer cahirá o governo, quanto mais a monarchia. Nem o governo! Estejam certos!

«Não cahiu o governo com a greve das escolas e não cahirá o governo com a greve dos partidos, já annunciada por todas as gazetas da opposição. Porque não ha greve, porque não ha movimento nenhum efficaz senão quando o impulsiona uma grande convicção, senão quando lhe assiste uma grande sinceridade. E não ha convicção nenhuma, e não ha nenhuma sinceridade em qualquer dos dirigentes dos partidos monarchicos e na quasi totalidade

dos dirigentes, pelo menos dos que estão em evidencia, do partido republicano.

«Não, o governo não cahe. A dictadura não só se mantem, como se mantem facilmente, que é, de tudo, o mais grave. Mais uma vez se vae provar a fraqueza, a quasi inuidade do espirito liberal em Portugal. Imagine-se, depois d'essa prova desgraçada, a força que fica tendo a reacção entre nós!

Ao mesmo tempo que diziamos aqui aos dirigentes republicanos, desde a constituição do ministerio franquista, que aproveitassem a experiencia liberal que João Franco lhes offerecia, que o não incitassem, pelo menos, a um procedimento de força, que não se fizessem pimpões para depois levarem bordoadas á chucha calada, que fossem prudentes, que fossem habéis, porque estavam fazendo, afinal, o jogo das camarilhas quer João Franco fosse, quer não fosse sincero, no mesmo tempo que lhe diziamos tudo isso, ao mesmo tempo que lhe annunciavamos a dictadura como o termo final da sua propaganda desastrada, mostravamos-lhes, em successivos artigos, o trabalho terrivelmente reacconario que se estava fazendo pelo ministerio da guerra. Em successivos artigos, como veremos no proximo domingo, porque é um caso curioso, importantissimo para a psychologia do partido republicano. Não só annunciavamos aqui a dictadura, com mezes de antecipaço, como deixavamos claramente patente que essa dictadura teria um caracter militar.

O que fizeram os republicanos?

Assim diziamos. E muito mais que nós é impossivel agora transcrever. E muito mais! Pois, entre outras coisas, denunciavamos claramente as manobras de certa pessoa nos quartéis.

Hoje nada dizemos, senão... que bateu a hora, se esperavam pela hora. Não a ha melhor: Nunca a houve melhor.

O que fazem? Ficamos á espera. E depois falaremos.

Cartas de Lisboa

22 DE NOVEMBRO.

Está, enfim, chegado o momento d'el gran Bernardino ser proclamado presidente da Republica. Ninguem n'esta cidade se deita á noite sem a idéa de accordar de manhã com a monarchia em baixo e a Republica em cima.

Sabe-se como os republicanos teem promettido a Revolução. Falaram sempre, desde que João Franco subiu ao poder, como se a tivessem fechada na mão. Abrir a mão, cahir a monarchia, subir a republica, era obra d'um instante. E ameaçavam abrir a mão a proposito de tudo. E os mais moderados d'entre elles. Camacho e João de Menezes, os nossos ex anarchistas, são hoje dos mais moderados dos nossos republicanos. Tão moderados que até os outros lhes escrevem ceitos de bilhetes postaes, segundo Camacho já declarou na *Lucta*, a chamar lhes agentes do governo. Pois, não obstante, Camacho, como se sabe, prometteu cathegoricamente e solememente a revolução, se Schreter não deixasse de fazer parte do gabinete.

«E' já agora certo que os deputados regeneradores se declararão incompativeis com o governo, constituido como está, fazendo parte d'elle um estrangeiro naturalizado. Então o governo terá de submeter-se ou demittir-se, porque não acreditamos que chegadas as coisas a esse ponto, elle ouse dissolver o parlamento. O paiz saberia levantar essa luva atirada das alturas do throno, por uma brecha da carta. Seria então o momento das resoluções firmes, das decisões extremas, dos lances audaciosos. O partido republicano viria para a rua, não para reclamar, como agora, o stricto cumprimento da lei, mas para deitar por terra o velho e arruinado edificio da legalidade monarchica e constitucional.»

Assim escrevia Camacho. Os outros escreviam, falavam, diziam muito peor e muito mais. A proposito de coisas minimas. Estando o parlamento aberto. Havendo ainda liberdade na tribuna, na imprensa, nas ruas, em tudo e por tudo. Fazendo o partido progressista causa commum com os franquistas.

Então hoje, senhores? Então hoje?

Era preciso que o partido republicano fosse extraordinariamente meticuloso em pontos de honra para fazer uma revolução só porque era ministro um estrangeiro naturalizado. Era preciso que o partido republicano dispuzesse de grandes forças para poder fazer a revolução logo que fosse dissolvido o parlamento, tantas vezes dissolvido até aqui sem ninguem fazer caso d'isso, e estando um poderoso partido monarchico a fazer causa commum com o governo.

Então hoje, senhores? Então hoje?

Onde estão os tropos inflammados d'Affonso Costa, do grande homem de bem que exclamava na camara que a cabeça de Luiz XVI tinha cahido por muito menos no cadafalso? Onde está a rhetorica revolucionaria do Mundo?

Hoje já não ha liberdade, como quando se promettia revolução á bocca cheia. Hoje já não ha parlamento, como quando se affirmava abertamente a revolução. Hoje já não ha nenhum grande partido em volta do governo. Está tudo contra elle. Quer dizer, estão muito mais justificadas essas medidas extremas com que ameaçavam os republicanos e são muito mais faceis de executar.

Porque não veem ellas? Como se comprehende que os republicanos estejam insultando o paiz e exigindo dos grandes partidos monarchicos a revolução que elles cathegoricamente promettiam contra esses partidos, isto é quando um d'elles era neutral e o outro apoiava o governo?

N'outro dia Bruno, segundo vi das transcripções feitas por varias gazetas, porque quando esse pontifice fala, aliás dizendo de vez em quando as suas heresias, todas as gazetas republicanas transcrevem, n'outro dia Bruno perguntava inflammado n'um jornal do Porto pelos homens honrados d'este paiz, pelo brío publico, pelo decoro, pela vergonha nacional. Essa é boa, sr. Bruno! Quem tem direito a perguntar isso é o paiz em relação ao partido republicano!

Tinha ou não tinha o partido

republicano forças para fazer a revolução quando a prometia a toda a hora, quando ameaçava com ella, quando a dava, cathegoricamente, terminantemente, como certa? Se tinha, onde está o brio, o decoro, a vergonha do partido republicano que não faz, nas circumstancias mais criticas da vida da nação, o que prometia hontem fazer em condições normaes? Se não tinha, onde está o brio, o decoro, a vergonha do partido republicano, que enganava os simples, que intrujava o paiz, prometendo, terminantemente, cathegoricamente, aquillo que não podia fazer?

Os dirigentes do partido republicano são homens ou rapazinhos? Que insensatez, que insania, que vergonha é essa do partido republicano insultar agora os partidos monarchicos porque... não fazem a republica?

Toda a gente vê, toda a gente lê esses insultos. Mas isso é phantastico! Pois são os partidos monarchicos que não de fazer a republica... para os republicanos? Os partidos monarchicos andam mal, evidentemente. Muito mal. Quando se chega ás alturas em que estamos não se anda para traz. Não ha, não pôde haver considerações que prendam os homens. Mas o partido republicano é que não tem auctoridade nenhuma para censurar os partidos monarchicos. Nenhuma! Aos partidos monarchicos assistia-lhes e assiste-lhes o dever de restabelecer, por qualquer meio, a legalidade constitucional. Mas ao partido republicano, que se fartou, que se tem fartado de ameaçar com a revolução, assistia-lhe e assiste-lhe o dever de fazer mais alguma coisa. Porque o não faz? Se o não faz, como se atreve a censurar, a insultar os monarchicos que se encolhem? E' phantastico! Em paiz nenhum do mundo se vêem as coisas que se vêem n'esta terra. E' phantastico, isto dos republicanos, que clamaram revolução em todos os tons, não só não fizeram nada como accusarem ainda por cima os monarchicos de... não fazerem a revolução! E' phantastico!

Os partidos monarchicos ainda podem ter a desculpa de não se mexerem com medo de resultar a republica de qualque agitação de caracter mais extraordinario. Para fazer recuar a dictadura, no pé em que ella está, já não ha palavras. Tornam-se indispensaveis os factos. Mas, no estado em que se encontra o espirito publico, onde irão os factos dizer: «Os monarchicos poderão dizer: «Nos monarchicos, não somos republicanos. Queremos a legalidade constitucional, não queremos a republica. Ora quem nos diz a nós que não resulte a republica do movimento que fazemos para fazer vingar a legalidade constitucional?»

Os monarchicos podem dizer isso. Mas os republicanos? Os republicanos... não sei. Eu ia-me a lembrar de que ainda se poderia desculpar com o Pad-Zé. Mas se elles fizeram em Carnaxide a apoteose do Pad-Zé?

O *Diario Illustrado* accusou Pad-Zé de ter revelado os tramás, as conspirações, os segredos do partido republicano. Nem Pad-Zé, nem o partido republicano, demonstraram a falsidade d'essa gravissima accusação. De forma que se o partido republicano não tem accettato como explicação bastante os tiros falhados do Cruzeiro d'Ajuda, e não tem, ainda por cima, ovacionado, como elles dizem, o Pad-Zé em Carnaxide, sobre o infeliz Pad-Zé poderia recahir a culpa do *malogro da revolução*. Era uma injustiça, bem sabemos. Pad-Zé, coitado, por mais coisas que dissesse, não podia dizer coisa séria, pelo simples motivo de que não havia coisas sérias a dizer. Ou, se as havia, ignorava-as elle. Não pôde haver duvida em o affirmar. Era uma injustiça. Mas recuaram, porventura, já mais, os republicanos, deante do escrupulo d'uma injustiça?

A explicação servia. Servia até muito bem. Ficava salva a honra do conjunto. Desde que acceta-

ram, porém, como justificação sufficiente, os tiros falhados do Cruzeiro da Ajuda, francamente, não sei como hão d'explicar o caso famoso, não só de não fazerem a revolução, que tão energicamente, tão peremptoriamente, tão altaneiramente promettem, como o de descompretem o paiz em geral, e os partidos monarchicos em particular, por não fazerem... o que elles davam como certo!

Que paiz! Que vergonha! Porque se alguém julga que não estou dizendo isto com dór, enganase. No fundo do meu espirito lavra a mais viva indignação e a mais intensa revolta. Não hesitaria em pôr todo o meu valimento, por mais insignificante que elle seja, ao serviço da causa da liberdade. Feri-me a affronta, como a todos. Auxiliaria fosse quem fosse, ainda o meu maior inimigo, que apparecesse capaz de a vingar. Mas se é grande a minha indignação contra os que affrontam a liberdade d'esta terra, não é menor contra aquelles que tolamente e criminosamente a provocaram, ficando agora deante d'ella de braços cruzados.

E tenho para isso a auctoridade que ninguém mais tem em Portugal. Porque ninguém soube prever melhor os acontecimentos. Ou, se o soube, calou-se. Só eu, em toda a imprensa portugueza, me fartei de clamar, de avisar, de aconselhar. Eu bem conhecia o velho plano palaciano da dictadura militar. Porque era um plano velho, desde 1891 meditado a toda a hora. Eu bem via como obedeciam a esse plano todos os manejos que se vinham, desde 1891, fazendo no exercito. Montavam-se as baterias cuidadosamente. Apetrechava-se a praça. Disponha-se tudo para o acto final.

Eu bem sabia que deante d'esses manejos eram ridiculas as tentativas de conspirata militar feitas pelos republicanos. Quantas vezes eu lhes disse d'aqui que já se não faziam pronunciamentos de caserna como nos tempos passados! Anteriormente havia generaes de prestigio, que eram politicos, e façanhudos politicos. Havia coroneis e mais officiaes tão façanhudamente politicos como os generaes. De forma que os chefes civis tinham sempre elementos certos e decididos nos quartéis com os quaes, na hora precisa, podiam contar. Se não era o Saldanha, era o Sá da Bandeira ou qualquer outro. Se não era o coronel d'este regimento era o coronel d'aquelle. Se não eram os officiaes d'esta facção eram os officiaes da facção opposta. Mas hoje? Hoje só ha uma força, é a força do poder. Diz-se que José Luciano, o mais velho, o mais manhoso dos politicos, hesita e se retrahê. Mas como querem que elle o não faça se elle deante de si não tem senão hypotheses e as mais falliveis das hypotheses? De positivo só ha uma coisa: é a força do poder. O poder tem o exercito, tem as auctoridades civis, tem os meios de comunicação, tem os cofres publicos, tem tudo. Para dispôr de tudo isso basta-lhe soltar uma palavra. Tudo isso é positivo e tudo isso é mais ou menos certo. O poder manda marchar um regimento, e o regimento marcha. Revolta-se? Quem sabe? Revoltar-se é uma hypothesese. O sr. José Luciano e o sr. Julio de Vilhena não tem senão hypotheses para oppôr ás certezas do poder. Qual ha de ser o exercito que se ha de oppôr áquelle que marchará á primeira ordem de marcha? Não se sabe! Qual ha de ser o thesouro que ha de bater-se com o thesouro e com todos os mais recursos financeiros que o estado tem á mão? Não se sabe! Tudo hypotheses, duvidas, problemas.

A opposição teria uma força formidavel se a tivesse sabido educar. Era a força da opinião. Mas essa força não existe. Desmoralisaram-na os jornaes, os clubs, o parlamento, precisamente aquillo a que se pôde chamar o *instrumento da liberdade*. Nós indignamo-nos contra a dissolução do parlamento, mas não nos indignamos a ponto de fa-

zer um grande sacrificio, por isso mesmo que nos tinhamos indignado contra esse parlamento antes de nos indignarmos contra quem o dissolveu. Todos nós, amantes da liberdade, defensores da democracia, achámos o parlamento *uma vergonha*. Todos nós zombámos do theatro de S. Bento. Todos nós lhe dirigimos chufas. Todos nós accusámos *aquellas regateiras*. Que força havemos de sentir para arriscar a vida em defeza d'aquillo que nos metteu nojo?

Todos nós sentimos cem vezes o mesmo nojo pela imprensa. Cem vezes o confessámos.

Todos nós sentimos o mesmo nojo pelos politicos.

Não vimos sinceridade nem seriedade no parlamento, na imprensa, nos politicos, ou estes fossem deputados, ou fossem jornalistas, ou fossem o que fossem. Os partidos eram quadrilhas.

O que nos indigna então, a nós todos homens partidarios ou não partidarios que vivemos fóra dos conventiculos? Só nos indigna o amor dos immortaes principios e a falta d'auctoridade nos que constituem o poder. E' pouco para que á voz de *marche* não marchem esses que, revoltando-se, arriscam a cabeça. E' pouco para que deixemos todos mulher, filhos, fazenda, e vamos para a rua combater. E' pouco!

E por sabermos que era pouco é que diziamos insistentemente aos republicanos: «Não apertem a corda! Olhem que a corda estala e volcê ficam na lama. Não desmoralizem a opinião! Olhem que a opinião depois de desmoralizada é *cão que ladra e não morde*. Façam o contrario. Aproveitem as liberdades que vos dêrem para conquistarem mais largas e mais fundas liberdades. Aproveitem as tréguas que vos offerecerem para estabelecer em bases novas a vossa propaganda.»

Não só não nos quizeram ouvir como nos votaram o maior odio.

Pois agora ahí tõem. Já está provado que o partido republicano, só por si, não é capaz de fazer um movimento revolucionario. Esse é o primeiro desastre. Essa é a primeira exauctoração. Falta provar-se que nem mesmo a fazem partidos monarchicos e partido republicano reunidos, e que terão d'aguentar a canga por todo o tempo que aprouver a El-Rei Nosso Senhor.

Estamos em que essa prova se fará tambem e se fará completa.

Porque o paiz está perdido, como pretendem os Brunos, os Caldas e outros pontifices ratões, que exaltam a cada passo o valor civico do *analfabetismo* de 1820, de 1836, de 1846, comparado com a covardia da *cultura* dos tempos actuaes? Não. Os tribunos dos passados tempos revolucionarios chamavam-se Passos Manuel e José Estevam. Hoje chamam-se Affonso Costa e Alexandre Braga. Os jornalistas chamavam-se Leonel Tavares e Rodrigues Sampaio. Hoje chamam-se Deronet, Pad-Zé e França Borges. Os burgozes agitadores eram da massa de Passos José. Hoje são da massa de Philippe da Matta. Os generaes eram Saldanha e Sá da Bandeira. Hoje são... Dantas Barachô. Os litteratos chamavam-se Herculano e Garrett. Hoje chamam-se João Chagas e José Caldas. O grande reformador era Mousinho da Silveira. Hoje o reformador annunciado é... *El Gran Bernardino Machado*.

Quem ousa comparar a cultura moral e intellectual dos passados tempos revolucionarios com a cultura intellectual e moral do nosso tempo? Quem ousa ahí exaltar o analfabetismo, e zombar dos propositos dos que tentam extingui-lo, invocando o analfabetismo de 1820, de 1828, de 1833, de 1836, de 1846? Então havia menos quem conhecesse as letras mas havia muito mais quem lesse as letras. Então havia muito menos quem apreciase os *Mundos* mas havia muito mais quem apreciase os *antidotos dos Mundos*.

O valor moral e intellectual da classe dirigente era infinitamente superior ao valor moral e intelle-

ctual da classe dirigente d'estes dias. E isso basta para explicar a coragem civica que então se nota va no povo comparada com a actual covardia que lamentam Brunos, Caldas e quejandos.

Pisarro, Passos, Garrett, Leonel Tavares e outros, não hesitavam em fulminar os torpes, embo-ram elles fossem da massa de Palmella e Rodrigo da Fonseca. Bem melhor massa que a de Affonso Costa. Os pamphletos d'esses homens contra a torpeza dos *correligionarios* ficaram celebres. Mousinho da Silveira morria escrevendo: «Ou as facções acabarão com o liberalismo, ou o liberalismo acabarã com ellas e Deus queira que seja isto e não aquillo.» Bernadino Machado, Affonso Costa e collegas, não tem feito senão engrandecer, alastrar, exaltar o espirito de facção. Com elogio dos Caldas, que exgottam todos os adjectivos do dictionario em favor dos Bernardinos e dos Costas.

Os partidos monarchicos estão pagando, como o partido republicano, toda a sua falta de moralidade, toda a sua falta de principios. E' justo o castigo? Não diremos que o seja, porque, pelo menos, os que castigam ainda teem menos auctoridade do que os castigados. Nem por isso deixa de ser verdadeira a enorme responsabilidade dos que protestam.

Procturem emendar-se. E, se o fizerem, ganhou-se, ao menos, isso com os factos lamentaveis que estamos presenciando.

Convençam-se de que não ha verdadeira opinião publica sem uma forte educação, educação que tem de ser ministrada pela doutrina e, sobretudo, pelo exemplo. Só essa educação pôde fortificar as consciencias e leva-las a resistir seriamente aos desmandos do poder, ficando assim compensada a vantagem material dos que se assentam no Paço das Necessidades e no Terreiro do Paço com a vantagem moral dos que transitam pelas ruas.

Nos dirigentes do partido republicano ha muita coisa má. Mas ainda ha por lá alguma coisa boa. No proprio directorio ainda ha alguém que seja garantia de melhores dias. Que todos accordem, que todos se disponham a não se deixar mais absorver pelas facções, é o que sinceramente desejamos.

Não esperem que os partidos monarchicos façam a revolução. Não a fazem elles. Não a fazem os republicanos. Esta partida perdeu-se. Principalmente se o rei não fór além de certos limites. Mas nem por isso devem cair, como costumam, do extremo optimismo no extremo pessimismo. Já ouço por ahí dizer aos proprios republicanos que temos monarchia para mais vinte annos. Que tolos! Se é para mais vinte annos, se é para mais vinte mezes, se é para mais vinte dias, ninguém sabe, ninguém o pôde, ao certo, dizer. Tudo é instavel e tudo continuará, até á morte da monarchia, a ser instavel na vida portugueza.

Trabalhem com sinceridade e com habilidade, se são capazes, e esperem com confiança os acontecimentos.

A questão é trabalhar com sinceridade e com habilidade. Nada mais é preciso.

C.

Acabo de lêr na *Lucta* um artigo em que o sr. Brito Camacho promete explicar, desde o tempo de D. Luiz, as causas da tremenda crise em que cahimos. Não se esqueça, então, de se metter tambem na conta. A *Lucta*, apesar de ser ainda—a que chegámos!—o melhor diario republicano, faltou inteiramente ao seu programma. Não só se tornou um jornal quasi reaccionario, zombando de todas as aspirações revolucionarias, mettendo mesmo a ridiculo alguns dos principios fundamentaes da

democracia moderada, como limitou a sua annunciada *independencia* a meia duzia de *pidas*. Isto ao mesmo tempo que se deixava ir na corrente insensata das provocações a João Franco e das incitações revolucionarias. Para quê? Para João Franco acabar por sahir do milnisterio e seguir a pé, tranquilamente, pela rua do Oiro e Chialdo, em direcção a casa.

Quando o *Mundo* recebia e accetava as intimações da policia, Camacho bramava na *Lucta*: «Se um dia nos entrar um policia na redacção atiramo-lo pela janella fóra.» Quando o *Mundo* era suspenso, França Borges bramava no *Mundo*: «Jornal republicano que não fór suspenso n'este instante pactuou com o governo.» Hoje é o que se vê. A *Lucta* nunca foi suspensa. Provavelmente porque João Franco teve medo de Camacho atirar com o policia pela janella fóra! E o *Mundo*... está coacto. Não pactuou com o governo. Está coacto! Elle e Sua Magestade!

Mundo, Lucta, todos, trovejaram revolução. *Mundo, Lucta*, todos, despediram as mais terribes ameaças. João Franco cavalga-os, faz d'elles quanto quer, e acaba... por andar a pé, tranquillamente, pelas ruas de Lisboa!

Isto é espantoso. E' a mais completa exauctoração de que ha exemplo na historia. Que não se esqueça Camacho, se quer explicar com exactidão as causas da vergonhosa crise a que chegámos.

Fartámo-nos de lhes dizer aqui qual era o caminho a seguir. Se o teem seguido—e sendo quasi certo que sem a hostilidade e as provocações dos republicanos nunca as coisas haveriam chegado ao que chegaram—*outro gallo lhes cantara*. Não quizeram. Entenderam que serviam assim melhor a causa da democracia e do paiz. Pois então *sua alma, sua palma*.

C.

«Progresso de Aveiro»

Foi intimado a suspender por 30 dias a sua publicação o *Progresso de Aveiro*, orgão do partido progressista n'esta cidade.

THEATRO AVEIRENSE

Com o drama *A Dama das Camélias*, levado á scena na quinta-feira ultima pela Companhia Italiana, de que fazia parte a distincta actriz Italia Vitaliani, pôde-se dizer que foi um successo a vinda d'esta companhia a Aveiro.

O desempenho da peça foi magistral por parte d'alguns artistas. A casa estava repleta.

Animatographo

Está funcionando no Campo do Rocio um animatographo, dando sessões quasi todos os dias. Os seus trabalhos são perfeitos, motivo porque as enchentes se succedem umas ás outras.

POSTAES DE AVEIRO

Primorosa collecção de 16 novos postaes, edição de Alberto Ferreira, Porto. A venda em todas as casas de postaes. Depositario—Baptista Moreira. Casa Photographica—AVEIRO. Faz grande desconto aos revendedores.

LIVROS ANALYSANDO

ARNALDO PEREIRA A HORA LIVRE

Versos. (A proposito da suspensão d'O PAIZ Preço 100 réis.

Edição d'ASOCIAL EDITORA de Alfredo Luis da Costa. Rua dos Douradores, 32, 1.º LISBOA

Decididamente, os noticiários de livros são, em Portugal, os maiores inimigos dos publicistas. E' de fugir ao ler uma apre-

Chama-mos noticiários a esses inconscientes fazedores de reclamos. O nome de crítico só deve embarratar aquelle que estuda

A Hora Livre é um folheto de 15 páginas, escripto em versos alexandrinos, na sua grande maioria. Pois este folheto que

Como A Hora Livre se preste a ser transcripta conforme o programma politico dum jornal, pois tanto póde satisfazer monarchicos como republicanos, tal o seu fim

O sr. Arnaldo Pereira ficou indignado, como nós e quantos assistiram a leitura do officio dimanado do governador civil, feita por um official de diligencias. Sentiu a necessidade de tirar individual desforra.

Arranjar editor. O folheto sahio, levando na capa os seguintes dizeres:—A proposito da suspensão d'O Paiz. Estava creada uma grande responsabilidade moral,

Diversos exemplares foram enviados aos jornaes em busca de noticia laudatoria. Tratava-se d'um collega! Todos os quase todos foram unanimes em dizer cobras e lagartos—sem peçonha, claro!—do folheto.

Doloroso é que tal aconteça, porque assim talvez dessem cabo do sr. Arnaldo Pereira para todo o sempre. E senão vejamos.

A pag. 4 diz-nos o que vai fazer e qual o seu proposito:

Homens! Eu ergo alto a cruz da minha lança: acuso o rei—acuso a casa de Bragança! E grave, bem o sinto, e alarma, como um vento,

Este bocadinho agrada a todos os que veem o mal só na casa de Bragança. Olham

para o sitio que lhes indicam, como as creanças nos fotografos abrem os olhos para um passatempo posto em frente, como a captar-lhes a attenção. Depois o poeta estende-se em considerações que embora nos digam que o sofrimento existe, não nos ensinam a fórma de acabar com elle.

Mas ha ahi um culpado, e sente-o toda a gente: é o rei, é o paço—é o rei principalmente.

De seguida vem por ali abaixo na mesma. Muitas paréllas de versos bem fabricados sem uma idéa grande que nos inspire uma lição. Começa de atirar-se á esposa do rei e diz-lhe coisas do arco da velha, como se ella fosse a raiz do ultramontanismo.

Depois diz ao rei, a vêr se o leva a bom caminho:

Senhor! Ha muito ahi que pôr no seu logar, muito crime a punir, muita falta a apurar.

D'este bocadinho em diante é que os monarchicos começam de apreciar A Hora Livre. Leiam, leiam...

e cortae a direita, em linha recta e em frente, seguindo sempre ávante, imperturbavelmente, caminhando na luz, por caminhos serenos reinando um pouco mais, pintando um pouco menos que ha muito mais gloria, e galardão, senhor, em ser um grande rei que em ser um mau pintor.

Como a capa do folheto diz ser escripto (a proposito da suspensão d'O Paiz)!!! Não percebemos!

E acaba, depois de dizer mais conselhos ao rei, a pedir-lhe que tenha juizo, etc:

Está na vossa mão sêrdes obedecido; decretae, como rei; mandae, como marido.

Depois do que fica exposto claramente pela bocca do sr. Arnaldo Pereira, o direito divino ainda é uma grande coisa... E para pôr ao rei que ponha tudo no são, aproveita-se a suspensão d'O Paiz para que um pedaço reacionario do espirito do poeta viesse laseár e ferir uma legião de homens, desde os humildes compositores até aos desgraçados leitores.

O que o sr. Arnaldo Pereira mostrou com A Hora Livre é que anda ás aranhas. Estude. Oriente esse cerebro e depois de ter bastantes conhecimentos, então aproveite as qualidades nativas do poeta para fazer obra condigna de rapaz que pertence a uma geração em que é preciso educar e não desorientar.

NOTA: No dia seguinte ao deste Analysando ser concluido veio nos jornaes o extracto da entrevista que D. Carlos de Bragança teve com um redactor do Temps. Nesse arazoado o successor de D. Luiz 1.º deixou cahir o véo de rei adormecido e mystificado pelos seus acolytos—mostrou-se-nos tal qual é: um rei que estudou um povo e desse estudo apurou que podia impunemente tornar-se dono. Hoje é absoluto, provando assim quanto o direito divino é odioso por anti-humano e elogiado por ignorantes ou mystificadores.

Não podiamos deixar despercebido este facto recente pois elle melhor que nós prova quanto o sr. Arnaldo Pereira andou mal em escrever A Hora Livre.

CARLOS CILIA DE LEMOS LIVRO DE DOR

Versos. Edição da casa Gomes de Carvalho. Rua da Prata, 158, 160. LISBOA

Parecerá aos nossos leitores que uma permanente má vontade inspira esta secção. Tanto mais que quase todos os auctores das obras aqui analisadas pertencem á geração do signatario.

Não sou creatura que tenha odio ou inveja do trabalho d'outrem. Ólios admilho-os, como Zola, nos seus Mes Haines; invejas são fructo da educação burguezia de que aos poucos me vou livrando. Portanto quando me cáe debaixo das vistas um livro, abro-lhe as paginas na ancia de encontrar um balsamo á minha dor de ver a miseria ser razão de vida da mal organizada sociedade.

Se a obra recebida é escripta por pessoa de certa idade, confesso que o ancoio não me induz a que a leia depressa. E porque? Porque esse ente nascido em épocas desconhecidas de reivindicações sociais, não sente a necessidade d'uma transformação, embora evolutiva, no modo de ser das sociedades hodiéneas.

Se o livro é assignado por um novo corpo a mantê-lo na esperança de que, rapaz do meu tempo, me venha dizer coisas novas e, na sua linguagem ainda não pervertida, incitar-me a que me una a elle para a comunhão das nossas energias em prol de melhor futuro.

Que ingenuidade a minha! Quantas vezes a decepção me tólte os movimentos e me emperra a lingua!

A maioria dos livros ultimamente sahidos ahi está a testemunhar a falta de critério dos da minha geração. Os velhos é que veem denunciar a impotencia intellectual dos novos que só cuidam de literatura. Idéas? Isso é peccado no entendimento desses literatos!

Razão de sobejo teve o filosofo quando num arranco de sinceridade disse:—Literatos? oh que nójo!

Não conheço pessoalmente o sr. Carlos Cilia de Lemos e, confesso, gostava de o conhecer, porque o seu livro descreve-m'o assim: Um rapazinho magro a atirar para enagua. Rosto encovado á força de o pessimismo o chupar. Uma lagrima a servir de pingente ao canto de cada olho. O peito a arfar-lhe em soluços lá do intimo. O coração a fabricar dores por diversas Margaridas, não das que vão á fonte, mas das que endoideceram o poeta. Olhos postos no céu para não verem as topádas que o dono dá na terra. O seu falar deve ser doce e tremulo conforme a escala cromática dos sonhos de noites mal dormidas!...

Enquanto ao seu Livro de Dor, nada lhe digo porque entendo—talvez mal!—que elle não merece referencia. Como parece ter vontade de escrever, aconselho-lhe o seguinte: Ponha de lado Baudelaire, Verlaine, René Gill, Antonio Nobre. Fuja d'elles, não porque não fossem artistas, mas porque estragaram a mocidade que não sabe pensar.

Creio que frequenta a casa do seu editor. Elle tem á venda uns volumes que se impõem logo pela escolha dos seus auctores. Leia-os, e eu lhe garantiro: ao fim de dois annos, o maximo, o meu amigo agarra nos exemplares do Livro de Dor e reléga-os ao fogo. Ou então guarda um, muito escondido; e póde ter a certeza que elle será a bitola do seu atrazo intellectual em 1907. Cada volume dos taes custa 160 réis. A edição é da casa Sempre, Valencia, Hespanha. Olhe que não recebo percentagem... O meu unico ganho é vê-lo livre de principios metafísicos e levá-lo a ser um artista-pensador.

Sempre ás suas ordens.

CARLOS DICKENS CONTOS DO NATAL

Volume da Collecção OBRAS PRIMAS. Versão de J. J. Teixeira Botelho. Preço, 200 réis. Edição de Ferreira & Oliveira. Rua do Ouro, 132. LISBOA.

Obras primas, é o titulo duma collecção de romances estrangeiros, de maior nomeada. A ella pertence o livro de contos—a obra de Carlos Dickens divide-se em duas partes alheias entre si—que a casa Ferreira & Oliveira acaba de editar.

Dos Contos do Natal só direi que o sr. Teixeira Botelho teve cuidados de amante ao pôr na nossa lingua uma das uão melhores obras do grande romancista inglés.

Se fosse um original português havia de discutir detidamente os Contos do Natal, conforme ao criterio desta secção. Assim reduzo-me ao silencio, que é a mais simples das expressões.

A edição é bem trabalhada, confirmando os bons créditos de que gosa a casa que a lançou no mercado.

E... nada mais.

JOSÉ SIMÕES COELHO.

A Crise Politica

E' a maior que temos atravessado. O que resultará? Parece não haver duvidas sobre o desenlace. José Luciano já disse que não assume as responsabilidades d'um movimento. Julio de Vilhena afirma terminantemente a sua dedicação monarchica. Os republicanos, por si sós, sentem-se impotentes. De fórma que se perdeu tudo. Não se ganhou coisa nenhuma. Isto é, ganharam os republicanos a adhesão do sr. Braamcamp Freire e do sr. Augusto José da Cunha. E com isso se contentam. João Franco e Sua Magestade fartam-se de rir a lêr os telegrammas dirigidos ao sr. Augusto José da Cunha e que enchem columnas e columnas dos diarios republicanos de Lisboa. Consta que El-Rei—vae tudo com letra grande por causa da dictadura

—disséra para João Franco: «Estão no seu elemento!» E que João Franco replicára: «Foi uma utilissima variante. Meu Senhor. Se eu conseguir a adhesão do Fuschini e do Baracho garanto a Vossa Magestade não só o exito completo da dictadura como a alegria plena dos republicanos.»

Se João Franco disse isto ou não disse, ignoramos. Mas lá que os republicanos julgam a dictadura utilissima só porque lhes rende mais uma duzia de correligionarios, é incontestavel. E' assim que elles encaram estas gravissimas questões de educação civica. Não olham para a desmoralisação tremenda que resulta do exito dos mais graves attentados á liberdade. Não veem a força com que fica o poder absoluto. Não comprehendem que não é assim que se arreiga no coração do paiz o principio democratico. Para elles tudo é bom, desde que d'ahi resultem mais umas duzias de correligionarios. Que fazer com gente d'esta?

Algum effeito produz, na verdade, uma adhesão como a do sr. Augusto José da Cunha. O ex-marechal progressista nunca foi um politico de valor. E não o dizemos hoje. Já o diziamos quando estavamos longe de pensar em o ver republicano. Ao escrevermos aqui um artigo sobre a questão dos trigos, diziamos, em 26 de Julho do corrente anno: «E o ministro Augusto José da Cunha, uma d'aquellas boas pessoas cuja administração tem sido, atravez de toda a sua bondade e honradez, desastrosa para esta terra...»

Assim pensavamos e assim pensamos. Entretanto, não se póde negar que a sua adhesão produz effeito. Está longe, porém, de compensar os prejuizos que resultam para a democracia d'esta triste jornada.

João Franco, como dizemos n'outra parte, vae tranquillamente a pé do ministerio do reino para casa. Sua Magestade passea agora todas as tardes na Avenida. Estando suspensos numerosos jornaes monarchicos só está suspenso um jornal republicano: o Paiz. E todas as manifestações se limitam... ás columnas e columnas cheias de felicitações aos novos correligionarios!

Que mais é preciso dizer? Mais nada.

Editos de 40 dias

(2.ª PUBLICAÇÃO) (A 1.ª publicação foi feita no Progresso de Aveiro n.º 368)

PELO tribunal do commercio da comarca de Aveiro, cartorio do escrivão Albano Pinheiro, e nos autos de acção commercial em que é auctor Antonio Simões da Cunha, viuvo, proprietario, de Esgueira e réu Luiz Marques da Silva e esposa Maria José Marques da Silva, tendeira, de Aveiro, correm editos de quarenta dias a contar da segunda publicação, a citar aquelle Luiz Marques da Silva, ausente em parte incerta do Brazil, para na segunda audiencia posterior ao prazo dos editos, vêr accusar esta e assignar termo de confissão ou negação de sua firma exarada na letra base

da acção e obrigação de pagar o seu montante, sob pena de ser condemnado de preceito no pedido e custas.

As audiencias d'este juizo fazem-se todas as segundas e quintas-feiras de cada semana não sendo feriados ou santificados, pois sendo santificados, fazem se nos dias immediatos, sempre pelas onze horas da manhã, no tribunal commercial situado na Praça Municipal d'esta cidade.

Aveiro, 15 de novembro de 1907.

Verifiquei: O Juiz de Direito, Ferreira Dias. O escrivão do commercio, Albano Duarte Pinheiro e Silva.

ANNUNCIO

(2.ª PUBLICAÇÃO) (A 1.ª publicação foi feita no Progresso de Aveiro n.º 368)

PELO Juizo de Paz do districto de Cacia, comarca de Aveiro, e cartorio do escrivão Antonio Augusto Tavares dos Santos, correm editos de 30 dias, a contar da segunda publicação d'este, citando Manuel d'Oliveira, do logar de Villarinho, d'esta freguezia de Cacia, ausente em parte incerta, para no decêndio posterior ao dito prazo, impugnar a acção que lhe move Manuel Maria Rodrigues d'Azevedo, morador em Sarrazolla de Cacia, para pagamento da quantia de dezasete mil e quinhentos réis.

Cacia, 18 de novembro de 1907.

Verifiquei a exactidão: Euzebio Pereira. O escrivão, Antonio Augusto Tavares dos Santos.

Editos de 30 dias

(2.ª PUBLICAÇÃO) (A 1.ª publicação foi feita no Progresso de Aveiro n.º 368)

NO inventario orphanologico a que n'este juizo se procede por obito de João Francisco Corujo, morador que foi na villa de Ilhavo, em que é inventariante a viuva Maria Joanna de Jesus, d'ali, correm editos de trinta dias, a contar da publicação e segundo e ultimo annuncio, citando o interessado José Francisco Corujo, solteiro, maior, de Ilhavo, e ausente em parte incerta, para assistir a todos os termos até final do mesmo inventario.

Aveiro, 18 de novembro de 1907.

Verifiquei: O Juiz de Direito, Ferreira Dias. O escrivão do 5.º officio, Manuel Cação Gaspar.

POVO DE AVEIRO

Vende-se nas seguintes localidades: LISBOA

Tabacaria Monaco, ao Rocio. Tabacaria Silva, rua D. Carlos I. 102-101. Tabacaria Filismino Paulo, rua da Prata, 205-207. Rua Nova do Almada, 46 (junto a drogaria Falcão). Havaneza de Alcantara, Mercado d'Alcantara n.º 6. Tabacaria Lagorza, Praça do Duque da Terceira, 18. Antonio Fernandes, R. Nova do Almada, 46. Ciosque Elegante, Rocio.

FÁBRICA DOS SANTOS MÁRTYRES

DE
CHRISTO, ROCHA, MIRANDA & C.^a

Moagem de trigo, milho e descasque de arroz, pelos systemas modernos e mais aperfeiçoados. Farinhas superiores, cabecinha, sementes, farellos e alimpaduras.

Compra-se milho, trigo e arroz a retalho e por atacado.

**ESCRITORIO—R. DA ALFANDEGA
AVEIRO**

METHODO JOAO DE DEUS

LEITURA

- Primeira parte—**Cartilha Maternal** ou **Arte de Leitura**—18.^a ed., cart. 200 réis, broch. 150
- Album**, ou livro contendo as lições da *Cartilha Maternal* em ponto grande 55000
- Quadros Parietaes**, ou as mesmas lições em trinta e cinco cartões. 65000
- Segunda parte—**Os Deveres dos Filhos**—1.^a ed., cart., 200 réis, broch. 150
- Guia prático e teórico da Cartilha Maternal**—1 vol. de 176 pag., compilado por João de Deus Ramos. 150

ESCRIPTA

- Arte de Escripção**—cada caderno, 30
- Livros de polémica sobre o Methodo**
- A Cartilha Maternal e o Apostolado**..... 500
- A Cartilha Maternal e a Crítica**..... 500

Do mesmo auctor:

LITTERATURA

- Campo de Flôres**—Poesias prefaciadas e coordenadas por Theophilo Braga, 3.^a ed., (esgotado), 700
- Prosas**—Coordenadas por Theophilo Braga 800

DEPOSITO GERAL

Largo do Terreiro do Trigo, 20, 1.^o—LISBOA

Venda dos livros escolares de João de Deus desde 1 de outubro de 1906

DESCONTOS

- Em 20 exemplares (d'um dos livros, «Cartilha Maternal» ou «Deveres dos Filhos»), 15 0/10.
- Em 100 exemplares dos mesmos livros, 20 0/10.
- Em 500 exemplares dos mesmos livros, 25 0/10.

A EXPOSIÇÃO ORAL DO METHODO faz-se em cursos mensaes (gratuitos) na casa da viuva de João de Deus, rua João de Deus, 13, 1.^o (á Estrella), onde poderá inscrever o seu nome quem deseje conhecer com exactidão a Cartilha Maternal, ou a Arte de Escripção.

A VENDA EM QUASI TODAS AS LIVRARIAS

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

E FERRAGENS

—DE—

**ANTONIO FERREIRA FELIX,
Filhos (Successores)**

NESTE antigo estabelecimento vendem-se ferragens nacionaes e estrangeiras, taes como: ferro em barra e em chapa, zinco, folha zincada, faqueiros de Guimarães e estrangeiros, paz de aço, ratoeiras de ferro e arame, fechos, fechaduras e dobradiças, panelas de ferro fundidas e estanhadas, chaços de ferro, fogareiros, pulverisadores de diferentes marcas, arame para ramadas, rede para vedações, alvaídes, vernizes, drogas, tintas preparadas e em massa, mercearia, madeiras, etc., etc.

MODICIDADE DE PREÇOS

RUA DIREITA N.^o 43 45—AVEIRO

MATERIAES PARA CONSTRUÇÕES

DE

Antonio da Costa Junior

Fabricante e fornecedor de adóbos na qualidade de areia agría e macia, e contraria ás saíhuas. Adóbos de parede, muro, mendões, tres quartos, canejas de poço e areia fina e grossa, tudo da melhor qualidade.

Modicidade de preços.

AVEIRO—PREZA

**HOTEL CYSNE BOA-VISTA
AVEIRO**

JOSE FERNANDES LAGO, antigo proprietario do bem conhecido CAFE CHINEZ, de Espinha, participa a todos os seus amigos, freguezes e ao publico, que temo de trespasse o HOTEL CYSNE, de Aveiro. Posto que este antigo estabelecimento gosasse desde ha muito de excellentes creditos, o seu novo proprietario não se tem poupado a despesas e sacrificios para bem servir todas as pessoas que preferem a sua casa.

Resolven tambem estabelecer um serviço de café e restaurante, achando-se o estabelecimento aberto até altas horas da noite, afim de que o publico possa encontrar ali as melhores distrações.

Para que o serviço seja completo e os freguezes tenham todas as commodidades, encontrar-se-ha á chegada de todos os comboios á estação de Aveiro um corretor do mesmo hotel.

Por todos estes motivos espera o novo proprietario do HOTEL CYSNE a continuação das ordens de todos aquelles que em Aveiro precisem de alojamentos ou quaisquer outros serviços que ali lhes possam ser fornecidos.

**Feltios quasi de graça só na
Officina de alfaiate**

DO

ASYLO-ESCOLA DISTRICTAL DE AVEIRO

RUA DO GRAVITO

Dirigida por Francisco Marcos de Carvalho

N'esta officina executa-se com perfeição todos os trabalhos concernentes á arte.

Cobrança

de pequenas dividas

A *Bibliotheca Popular de Legislação*, com séde na rua de S. Mamede, 111, ao L. do Caldas, Lisboa, acaba de editar um folheto, contendo os decretos dictatoriaes de 29 de maio do corrente anno, sobre cobrança de pequenas dividas, imposto de rendimento, officiaes inferiores do exercito, e pensões a alumnos e professores no estrangeiro.

E a unica edição annotada, e o seu preço é de 120 réis. Os exemplares serão promptamente remetidos a quem os requisitar, e os pedidos deverão sempre vir acompanhados da respectiva importancia, em estampilhas.

A venda, n'esta cidade, na tabacaria de Augusto Carvalho dos Reis.

Especialidade em cartões de visita

POVO DE AVEIRO

TYPOGRAPHIA

—PO—

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

—DE—

Albino Pinto de Miranda

(LARGO DE MANUEL MARIA)

AVEIRO

Commissões e consignações. Deposito de petroleo, sabão e azeite. Sortido completo de vinhos da Companhia Vinicola e da Associação Vinicola da Bairrada. Vinhos finos do Porto e da Madeira, especiaes. Champagne nacional e estrangeiro, cervejas de diversas qualidades, licôres e aguardentes, generos de mercearia; bolachas e biscoitos das principaes fabricas do paiz, pelo preço da tabella; fructas secas, chourissos do Alentejo e banha da terra, Chumbo, cartuchos e mais petrechos para caça, corda, fio e linha de pesca. Uma variedade enorme de miudezas. Objectos de escriptorio, etc, etc, etc.

Pechinchas para liquidar:

PRATOS da fabrica de louça de SACAVEM A 450 E 360 REIS A DUZIA, e o resto do seu sortido de louça vende por preços muito resumidos.

JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS

SANGALHOS

VENDEM e trocam relógios de bolso e de sala.

Correntes e medalhas de prata.

Machinas de costura «PFAFF», White e outros auctores.

Bicycletas «BRISTOL», «TRIUMPH», «OSMOND», «GUTHYNER» e outros auctores.

Completo sortido de accessorios, tanto para machinas de costura como para bicycletas.

Officina para qualquer reparação.

Alugam-se bicycletas

José Maria Simões & Filhos

ANADIA—SANGALHOS

MACHINAS "PFAFF,"

—E—

BICYCLETES OSMOND

JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS, estabelecidos em Sangalhos, com deposito de relógios e machinas de costura, bicyclettes e seus accessorios e bem assim com officina de reparações tanto de relógios como de machinas de costura e bicyclettes, previnem os seus amigos e freguezes que montaram em Aveiro, Largo do Espirito Santo, proximo á fonte das 5 bicas, (Chafariz da Agua) uma succursal para venda das suas machinas de costura, bicyclettes e seus accessorios e bem assim, annexo ao mesmo estabelecimento, tem uma officina de reparações com pessoal habilitado para fazer concertos tanto em machinas de costura como em bicyclettes.

Pedem por isso, a todas as pessoas de suas relações e ao publico em geral, a fineza de não comprarem em outra parte sem primeiro visitarem e confrontarem os preços tanto no seu deposito em Sangalhos, como na sua succursal em

Aveiro, Largo do Espirito Santo

para verem as vantagens que estas casas lhes offerecem.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a

JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS

Anadia, Sangalhos; ou para Aveiro ao sr.

JOSÉ AUGUSTO REBELLO

Gerente da casa Simões & Filhos

Alugam-se bicyclettes tanto em Sangalhos, como no Largo do Espirito Santo, em Aveiro.